

Buenos-Aires, 10 de fevereiro de 1933

NUMERGS - IFCH/UFRGS
N.º ARQ. 002
N.º DOC. 430

Exmo Sr. Dr. Paulo de Moraes Barros

Lisboa

Caro amigo e companheiro - Considerando as grandes responsabilidades que sobre nós pesam, julguei-me no dever de lhe dirigir a presente carta. Para melhor compreensão do assunto, vou começar por definir a posição tomada pela Frente Unica riograndense ao terminar a luta armada.

O infeliz desfecho da revolução trouxera um problema até então inexistente: o da restituição do Rio Grande á posse de si mesmo. No baldado afã de libertar o paiz da ditadura que o infelicita, acabou o nosso Estado por cair na peor das servidões. Claro é, porém, que o Rio Grande não se poderia resignar a isto, mas certo é também que, se somente o problema regional o preocupasse, fá cil lhe teria sido entrar num vantajoso acordo com o interventor, interessado mais do que ninguém em reconciliar-se com a opinião publica. Mas acima dos interesses regionais, por mais respeitáveis, estava para a Frente Unica riograndense os compromissos de honra assumidos para com S. Paulo e o Brasil e que uma série de fatalidades não permitira resgatar no primeiro momento. Daí o haver-mos cortado qualquer possibilidade de entendimento com o interventor e o termo-nos proposto a promover a articulação de um movimento, em que o Rio Grande daria tudo quanto lhe fôsse possível. A viagem do Lusardo á Europa teve precisamente por escopo estabelecer sólidamente este ponto de partida para uma nova cruzada, de acordo com os elementos mais representativos do exercito e da politica exilados na Europa. Claro é que o Rio Grande não impunha: propunha. Se a sua proposta não fôsse aceita, ficaria ele então exonerado de quaisquer responsabilidades.

Parece que o ponto de vista levado pelo Lusardo foi aceito. Digo parece, porque não sucedeu o que seria de esperar, isto é, que para cá viessem todos os elementos capazes de influir poderosamente na marcha dos acontecimentos. Vejamos quais são já as principais consequências desta lacuna.

A representação paulista na junta está deficiente. Deveria am formar nela, ou representantes das diversas forças da Frente-Unica revolucionaria (isto é: partidos politicos, associações de classe, etc) ou então uma personalidade, como o dr. Pedro de Toledo, que a todas elas representasse autorizadamente, sem eiva de parcialidade ou paixão. Só assim, S. Paulo, depois da imensa catastrophe, poderia corresponder confiante ao apêlo. Tanto isso é verdade, que o nosso amigo Melega, com o desprendimento e a sinceridade que o caracterizam, percebeu que ele só pouco poderia fazer quanto á obtenção de recursos em S Paulo e, mais, que a repre-